

A DIACRONIA EM CONSTRUÇÕES XV NA ESCRITA CATARINENSE

THE DIACHRONY IN XV CONSTRUCTIONS IN THE WRITING OF SANTA CATARINA

Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina – CNPq

Marco Antonio Martins
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Tomando resultados estatísticos sobre a variação e mudança da ordem do sujeito e da posição do clítico em contextos XV, apresentados em Coelho (2008) e Martins (2009), investigamos neste artigo os padrões empíricos da ordem (X)VS(O) em peças teatrais escritas por brasileiros nascidos em Santa Catarina nos séculos XIX e XX. Com base em três tempos, a análise comparativa mostra que a escrita catarinense do final do século XX perdeu a inversão românica, está perdendo a inversão germânica e evidencia um aumento da próclise associado às construções SV. Há nos textos, todavia, um uso bastante regular da inversão inacusativa, não relacionado à mudança gramatical que está na origem do Português Brasileiro.

Palavras-chave: Diacronia. Sintaxe. Ordem do sujeito. Posição do clítico. Gramática do PB.

Abstract

Using statistical results presented by Coelho (2008) and Martins (2009) on variation and change in subject order and clitic position in XV contexts, we investigate in this study the empirical standards of the (X)VS(O) order in plays written by Brazilian playwrights born in Santa Catarina, Brazil, during the 19th and 20th centuries. Based on three periods of time, comparative analysis shows that the writing of Santa Catarina at the end of the 20th century lost the Germanic inversion and presents an increase in proclisis associated to SV constructions. The texts present, however, a very regular use of the unacusative inversion, not related to the grammatical change which is in the origin of Brazilian Portuguese.

Keywords: Diachrony. Syntax. Subject order. Clitic position. Brazilian Portuguese grammar.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho¹, tomamos a descrição do processo de variação e mudança da ordem do sujeito e do encaixamento da próclise em contextos XV (verbo em segunda posição, ou V2)² em peças teatrais de escritores nascidos em Santa Catarina (SC) nos séculos XIX e XX, apresentada em Coelho (2008) e Martins (2009), com o propósito de investigar os diferentes contextos sintáticos que permitem a ordem (X)VS (verbo-sujeito) ao longo dos séculos na escrita catarinense.

A discussão leva em conta pressupostos da Teoria da Variação e Mudança de Weinreich, Labov e Herzog (1968), rediscutidos por Labov (1982), e busca, em linhas gerais, identificar possíveis condicionadores internos da ordem (X)VS nos textos escritos, tendo em vista o ano (ou, mais especificamente, o século) de nascimento dos autores, em três tempos: tempo 1 (autores nascidos entre 1800 a 1899); tempo 2 (autores nascidos entre 1900 a 1949); e tempo 3 (autores nascidos entre 1950 a 1969).

As questões centrais que norteiam a discussão são: (i) quais são os contextos de resistência da ordem (X)VS? (ii) quais os contextos de restrição às ordens (X)VS ou (X)VXS? (iii) quais as tendências de uso da ordem VS(O) mais acentuadas no final do século XX (tempo 3): verbo em primeira posição (#VS) ou verbo em segunda posição (XVS)? (iv) é possível dizer que as diferentes estruturas sintáticas que superficializam as ordens (X)VS ou (X)VXS, nos diferentes tempos, são indícios de propriedades de diferentes padrões de inversão, nos termos de Kato *et al.* (2006)? (v) qual o padrão de ordenação dos pronomes clíticos em contextos XV nos textos? E qual a relação entre o encaixamento da próclise e um sistema que possui propriedades bastante restritivas na superficialização da ordem (X)VS? e (vi) essas diferenças podem ser explicadas como propriedades de diferentes gramáticas (ou sistemas) em competição, nos termos de Anthony Kroch (1989; 2001)?

Nossa hipótese principal é de que o enrijecimento da ordem SV(O), ao longo dos séculos, é atestado especialmente em contextos (in)transitivos e está encaixado no aumento da próclise em contextos XV.

A pesquisa empírica tem por base duas amostras extraídas de um mesmo *corpus* constituído de textos dramáticos escritos por catarinenses nascidos entre os séculos XIX e XX. O conjunto de textos é oriundo de um projeto em curso, vinculado ao Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil (VARISUL), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e visa à elaboração de um banco de dados formado, em sua maioria, por peças de teatro escritas por brasileiros, de ascendência portuguesa, nascidos no litoral de SC.

¹ Este trabalho retoma discussões apresentadas no *VI Congresso Internacional da ABRALIN*, realizado de 04 a 07 de março de 2009, em João Pessoa. Agradecemos as sugestões recebidas durante o congresso e a leitura atenta do texto feita pelas colegas Edair Maria Görski e Isabel Monguilhott.

² V2 neste trabalho se refere a construções com verbo em segunda posição superficial, ou seja, construções XV, em que X pode estar interno ou externo à estrutura.

Para este trabalho, em específico, as amostras para o estudo da ordem (X)VS e do encaixamento da próclise em contextos XV se constituem de dados extraídos, respectivamente, de sete e de vinte e três textos do *corpus*³.

Em busca de respostas às questões anteriormente elencadas, o artigo vem assim estruturado: apresentamos nesta introdução as questões, os objetivos, a hipótese principal do trabalho e o *corpus* a partir do qual os dados em análise foram extraídos; na seção 2, sistematizamos os resultados relacionados à variação da ordem do sujeito, aos diferentes padrões de (X)VS e à ordenação de clíticos em contextos XV. Na seção 3, faremos nossas considerações finais, mostrando as contribuições trazidas com a pesquisa, assim como as questões ainda a serem respondidas.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos estudos descritivos sobre dois fenômenos que estão em variação no Português Brasileiro (PB), a ordem do sujeito e a posição do clítico. No que se refere à ordem (X)VS, apresentamos, em primeiro lugar, um levantamento das variáveis linguísticas: (i) tipo de verbo; (ii) construções #VS com verbo em primeira posição (V1) ou XVS com verbo em segunda posição (V2); e (iii) material interveniente entre verbo e sujeito (VS ou VXS); e, em segundo lugar, apresentamos reflexões sobre os diferentes padrões de inversão encontrados nas peças de teatro, com a finalidade de responder às questões teóricas listadas anteriormente. Em seguida, apresentamos resultados de um estudo sobre o encaixamento da próclise em contextos XV na escrita catarinense.

³ Os dados para a análise da ordem (X)VS foram extraídos dos seguintes textos: *Raimundo* (1868) de **Álvaro Augusto de Carvalho** (1829-1865); *Um cacho de mortes* (1881), de **Horácio Nunes** (1855-1919); *Brinquedos de cupido* (1898) de **Antero Reis Dutra** (1855-1911); *Um homem sem paisagem* (1947) de **Ody Fraga** (1927-1987); *Os lobos* (1980) de **Ademir Rosa** (1950-1997); *Flores de inverno* (1992) de **Antônio Cunha** (1961-); *Sim, eu sei* (1992) de **Fábio Brüggemann** (1962-). Os dados para a análise do encaixamento da próclise em contextos XV foram extraídos dos seguintes textos: *Raimundo* (1868) de **Álvaro Augusto de Carvalho** (1829-1865); *Um cacho de mortes* (1881), de **Horácio Nunes** (1855-1919); *Brinquedos de cupido* (1898) de **Antero Reis Dutra** (1855-1911); *Um homem sem paisagem* (1947) de **Ody Fraga** (1927-1987); *Os lobos* (1980) de **Ademir Rosa** (1950-1997); *Flores de inverno* (1992) de **Antônio Cunha** (1961-); *Sim, eu sei* (1992) de **Fábio Brüggemann** (1962-). Os textos são: *A casa para alugar* (1867) e *Quem desdenha quer comprar* (1868), de **José Cândido de Lacerda Coutinho** (1841-1902); *Raimundo* (1868), de **Álvaro Augusto de Carvalho** (1829-1865); *Os ciúmes do capitão* (1880), de **Arthur Cavalcanti do Livramento** (1853-1897); *Um cacho de mortes* (1881), *Dolores* (1889), *O idiota* (1890), *Fatos Diversos* (1892), de **Horácio Nunes** (1855-1919); *Brinquedos de Cupido* (1898), de **Antero Reis Dutra** (1855-1911); *A engeitada* (19??) de **Joaquim Antonio de S. Thiago** (1856-1916); *Hilda, a filha do suposto traidor* (1918), *Waltrudes, o nauta veneziano* (1918) e *A filha do operário* (1942), de **Ildefonso Juvenal** (1884-1965); *Ilha dos casos raros* (1928), de **Nicolau Nagib Nahas** (1898-1934); *A morte de Damião* (1954) de **Ody Fraga** (1927-1987); *O dia em que os porcos comerão sal* (1978), *A Estória* (1970), *Os Lobos* (1980), *Fragmentos* (1991) e *O que a vida vez de mim, de nós* (1996), de **Ademir Rosa** (1950-1997); *O dia do Javali* (1982), de **Mário Júlio Amorim** (1939-); *Flores de Inverno* (1992) e *As quatro estações* (1998), de **Antonio Cunha** (1961-); *Agnus Dei* (1994) de **Sulanger Bavaresco** (1969-).

2.1 A ordem verbo-sujeito

A ordem verbo-sujeito (VS) do PB tem sido estudada sob diferentes enfoques teóricos. Alguns trabalhos variacionistas atestam que, em situações reais de fala, a ordem VS está restrita a verbos monoargumentais, em especial, quando o verbo tem sentido apresentativo, ou quando é um verbo inacusativo. Além da restrição sintática, sujeitos pós-verbais aparecem, em geral, marcados com traços [-definido] e [-animado] (cf. VOTRE; NARO (1984), LIRA (1986; 1996), BERLINCK, 1989; 1995, COELHO, 2000; 2008). A ordem sob a perspectiva gerativista foi também muito estudada por autores como Nascimento (1984), Kato e Tarallo (1988) e Kato *et al.* (2006). Dentre os argumentos apresentados pelos autores, cabe salientar a proposta pioneira de Kato e Tarallo, segundo a qual o PB obedece a uma restrição sintático-fonológica denominada de monoargumentalidade, isto é, VS seria possível apenas se não houvesse mais de um argumento manifesto em posição pós-verbal, uma espécie de XVY. Por argumento os autores estão considerando tanto sintagmas nominais quanto adverbiais, como nas sentenças (1) e (2).

- (1) Agora é tarde. Ahi vêm D. Clarinda e sua filha. [*Brinquedos de cupido* (1898) de Antero Reis Dutra (1855-1911)]⁴
- (2) Lá por isso respondo eu: aquilo era uma boa alma. [*Raimundo* (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)]

Segundo Kato e Tarallo, verbos inacusativos teriam maior facilidade para licenciar a ordem VS por terem seus argumentos selecionados originalmente como objetos internos, como (1) ilustra. Acredita-se que, nesse tipo de estrutura, o único argumento selecionado pelo verbo é gerado internamente ao sintagma verbal. Note-se também que o advérbio vai para uma posição à esquerda do verbo. Quando os verbos são intransitivos ou transitivos, acredita-se que só licenciariam sujeitos pós-verbais caso não houvesse um outro argumento à direita do verbo, como em (2). Resta saber se (2) é uma sentença ainda disponível no português atual.

Como ponto de partida para a nossa análise, tomamos resultados de trabalhos sincrônicos, que atestam o fato de a ordem VS estar restrita a determinados contextos sintáticos no PB. Optamos por um estudo diacrônico, com o propósito de verificar se há mudança em curso de uma ordem variável (SV ou VS) para uma ordem SVO enrijecida e quais são os contextos que ainda admitem VS no final do século XX.

Para dar suporte empírico às discussões acerca da ordem do sujeito apontadas acima, tomaremos inicialmente o estudo diacrônico de Coelho (2008) a respeito da variação das ordens SV(O)/VS(O) (e outras possíveis variações) em 1.466 construções declarativas com sujeito preenchido extraídas de sete peças de teatro de autores catarinenses dos séculos XIX e XX. Foram encontradas 1.315 ocorrências de SV(O) (90%) e apenas 151 ocorrências de VS(O) (10%) nas peças analisadas. Dessas, apenas 51 ocorrências de verbo em primeira posição. Observemos, a seguir, os resultados gerais, de acordo com cada uma das peças de teatro investigadas.

⁴ Os exemplos das amostras doravante citados estão seguidos do título e do ano de publicação/apresentação dos textos assim como do nome do autor e de seu respectivo ano de nascimento.

TABELA 1. Ordens SV e (X)VS na escrita catarinense dos séculos XIX e XX

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>SV(O)</i>		<i>#VS(O)</i>		<i>XVS(O)</i>	
Álvaro de Carvalho (1829-1865)	206/235	88%	8/235	3%	21/235	9%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	177/212	83%	14/212	7%	21/212	10%
Horácio Nunes (1855- 1919)	107/127	84%	4/127	3%	16/127	13%
Ody Fraga (1927-1987)	29/33	88%	2/33	6%	2/33	6%
Ademir Rosa (1949-1997)	325/363	90%	17/363	4%	21/363	6%
Antônio Cunha (1961-)	289/303	95%	5/303	2%	9/303	3%
Fábio Brüggemann (1962-)	182/193	94%	1/193	1%	10/193	5%
TOTAL	1315/1466	90%	51/1466	3%	100/1466	7%

Considerando apenas contextos VS de verbo em primeira posição, #VS(O) ou V1, e de verbos em segunda posição, XVS(O) ou V2, o que observamos na tabela é uma preferência para V2 (7% do total). Quando levamos em conta as diferentes peças, ao longo dos tempos, notamos, porém, que há uma queda nos dois contextos: V1 – 6% > 4% > 2% > 1%; e V2 – 13% > 6%, 6% > 3%, 5%.

Observemos agora os diferentes contextos de VS, com ou sem material interveniente entre o verbo e o sujeito, contextos VXS e VS(O), respectivamente. Os resultados da Tabela 2, a seguir, mostram que a ordem VS(O), sem material interveniente entre o verbo e o sujeito, é a preferida, principalmente nas peças de autores nascidos na década de 1940 em diante.

TABELA 2. Ordens (X)VS(O) e (X)VXS na escrita catarinense dos séculos XIX e XX

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>SV(O)</i>		<i>(X)VS(O)</i>		<i>(X)VXS</i>	
Álvaro de Carvalho (1829-1865)	206/235	88%	15/235	6%	14/235	6%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	177/212	83%	20/212	10%	15/212	7%
Horácio Nunes (1855- 1919)	107/127	84%	12/127	10%	8/127	6%
Ody Fraga (1927-1987)	29/33	88%	0/33	0%	4/33	12%
Ademir Rosa (1949-1997)	325/363	90%	33/363	9%	5/363	1%
Antônio Cunha (1961-)	289/303	95%	13/303	4%	1/303	1%
Fábio Brüggemann (1962-)	182/193	94%	10/193	5%	1/193	1%
TOTAL	1315/1466	90%	103/1466	7%	48/1466	3%

Dados os resultados apresentados nas duas tabelas, resolvemos fazer uma nova rodada estatística, considerando apenas as 151 ocorrências de VS para dar mais visibilidade aos resultados, em três tempos distintos: (i) tempo 1, equivalendo ao século XIX (escritores nascidos de 1800 a 1899); (ii) tempo 2, à primeira metade do século XX (nascidos de 1900 a 1949); e (iii) tempo 3, à segunda metade do século XX (nascidos de 1950 a 1969). Além dos contextos anteriormente investigados, levaremos em consideração o tipo de verbo. Os resultados estão expostos na Tabela 3.

TABELA 3. Contextos sintáticos de VS na escrita catarinense dos séculos XIX e XX em três tempos

<i>Contextos de mudança de VS para SV</i>	<i>Tempo 1</i> (1800 a 1899)		<i>Tempo 2</i> (1900 a 1949)		<i>Tempo 3</i> (1950 a 1969)	
Construções #VS	26/51	51%	19/51	37%	6/51	12%
Construções XVS	59/100	59%	23/100	23%	18/100	18%
VXS (com material interveniente)	37/48	79%	9/48	19%	2/48	2%
VS (sem material interveniente)	48/104	46%	33/104	32%	23/104	22%
Verbo (in)transitivo ⁵	30/38	78%	7/38	19%	1/38	3%
Verbo cópula	15/32	47%	13/32	41%	4/32	13%
Verbo inacusativo não existencial	40/81	49%	22/81	27%	19/81	23%

Notemos que, de todos os contextos sintáticos de VS encontrados na escrita catarinense dos séculos XIX e XX, os contextos que ainda admitem a posposição do sujeito, na escrita dos autores nascidos na segunda metade do século XX, aparecem preferencialmente em construções com verbo em segunda posição (18%), sem material interveniente entre o verbo e o sujeito (22%) e com verbos inacusativos (23%). Com relação às diferentes possibilidades de VS, uma investigação mais detalhada se faz necessária. Para tanto, serão tomados argumentos de Kato *et al.* (2006), sobre os padrões sintáticos de XVS e de (X)VXS. Segundo as autoras, no PB há resquícios de três padrões de inversão do sujeito: o padrão de ordem VS inacusativa, o padrão VS(O), conhecido por inversão germânica, e o padrão VXS, conhecido por inversão românica, que podem ser caracterizados como segue.

O padrão de inversão conhecido como VS inacusativa já foi atestado empiricamente por Berlinck (1995) e Coelho (2000; 2008). Ocorre quando o sujeito aparece imediatamente posposto a verbos inacusativos, cujo único argumento é gerado internamente ao sintagma verbal. Temos encontrado nas peças dois tipos de VS inacusativa, sem elemento à direita do verbo e com um elemento deslocado do tipo localizador espacial ou temporal (XVS), como os exemplos (3) e (4) ilustram, respectivamente.

Contexto #VS

- (3) quando todos fugiam do pobre velho, com medo da peste: morre o velhote, que era pé de boi e nunca se tinha atravancado com rabos de saia, com perdão da Sora Úrsula e do mais mulhero..... [Raimundo (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)]

Contexto XVS

- (4) Não. Já jantei. Além d'isso alli vem a posteridade dos palitos. [Brinquedos de cupido (1898) de Antero Reis Dutra (1855-1911)]

⁵ Os verbos intransitivos foram colocados junto com os transitivos, por entendermos que o sujeito nos dois casos é um argumento externo e também por conta do número reduzido de intransitivos encontrados na amostra investigada, apenas três ocorrências, que apareceram somente no primeiro tempo (1800 a 1899).

Após a coleta dos padrões sintáticos (X)VS encontrados nas peças, foi feita uma nova rodada estatística considerando agora as diferentes estruturas de VS inacusativa, ao longo dos três tempos estudados, conforme está ilustrado na Tabela 4:

TABELA 4. Contextos de **VS inacusativa** na escrita catarinense dos séculos XIX e XX em três tempos

Contextos de VS inacusativa	<i>Tempo 1</i>		<i>Tempo 2</i>		<i>Tempo 3</i>	
	(1800 a 1899)		(1900 a 1949)		(1950 a 1969)	
Construções XVS (V2)	18/40	45%	12/22	54%	14/19	73%
Construções #VS (V1)	22/40	55%	10/22	45%	5/19	27%
Contextos de (X)VS	3/40	8%	8/22	36%	10/19	52%
Contextos de (X)VXS	37/40	92%	14/22	64%	9/19	48%

Nos resultados de VS inacusativa, há nos três tempos investigados um uso crescente de contextos sintáticos de verbo em segunda posição (XVS), contra os de primeira posição, numa escala de 45% para 54% e desse percentual para 73%. E, quanto a contextos de sujeito contíguo a um verbo inacusativo, há uma acentuada preferência desse tipo de construção ao longo dos tempos (8%, 36% e 52%). Esses resultados atestam que chegamos ao final do século XX com possibilidades de VS inacusativa em contextos XVS, como ilustra (4), e uma queda de VS inacusativa em contextos VXS.

Um outro padrão sintático discutido por Kato *et al.* (2006), e que também foi encontrado na escrita catarinense, é a inversão do sujeito contíguo a um verbo não-inacusativo. Uma espécie de inversão germânica. Nesses casos, é comum a presença de um outro elemento em posição inicial, do tipo XVS, como um argumento interno ou um localizador espacial ou temporal, como o exemplo (5) ilustra, em contraposição ao exemplo (6).

Contexto XVS

- (5) Por mais estranhas cousas que nos relate o Sr. Bibiano creio que não nos surpreenderá. Ao mesmo tempo é fácil sermos interrompidos em meio da história, portanto, acho mais conveniente que aguardemos outra ocasião. Isto querendo o Sr. Bibiano. [*Brinquedos de cupido* (1898) de Antero Reis Dutra (1855-1911)]

Contexto #VS

- (6) Julga o tal Snr. Mendes creado que por não ser eu estudante ou filho de capitalista, posso ou devo aturar as consequencias da sua grosseria. [*Brinquedos de cupido* (1898) de Antero Reis Dutra (1855-1911)]

Ao analisar os outros contextos de VS não-inacusativa, o que constatamos nos dados é uma mudança em direção ao enrijecimento da ordem SV(O), principalmente em construções (in)transitivas. A Tabela 5 mostra esses resultados.

TABELA 5. Contextos de (X)VSX não-inacusativa na escrita catarinense dos séculos XIX e XX em três tempos

Contextos (X)VS (inversão germânica)	Tempo 1 (1800 a 1899)		Tempo 2 (1900 a 1949)		Tempo 3 (1950 a 1969)	
Com verbos (in)transitivos	18/26	69%	6/12	50%	1/5	20%
Com verbos copulativos	8/26	30%	6/12	50%	4/5	80%

Como podemos observar nos resultados da Tabela 5, a inversão VS não-inacusativa, conhecida também como VS germânica, é uma alternativa bastante comum nos dados do início do século XIX (reunidos no tempo 1), inclusive com verbos (in)transitivos, mas pouco comum nos dados do final do século XX (reunidos no tempo 3).

Observamos, agora, um outro padrão sintático, a inversão (X)VXS, conhecida como *inversão românica*, quando o sujeito não vem contíguo ao verbo. Consideramos neste caso apenas as inversões não-inacusativas. Aparecem em geral quando o sujeito ocupa a posição final da sentença, em adjunção ao sintagma verbal, tendo material à direita do verbo ou não, como ilustram os exemplos (7) e (8):

Contextos #VXS

- (7) Qual seu Bibiano, respondia-me elle, em eleições ninguém me passa a perna, e além d' isso elle é da oposição... [*Brinquedos de cupido* (1898) de Antero Reis Dutra (1855-1911)]

Contextos XVXS

- (8) Pouco importa saber-se. Trata se de eleições; e aqui na roça, e em toda a parte são inumeros os batalhadores magicos Chicos Hypollitos, n'essas ocasiões. A questão é sabermos de que modo caudinharam o Sr. Bibiano, quando contava elle a victoria certa. [*Brinquedos de cupido* (1898) de Antero Reis Dutra (1855-1911)]

Kato e Tarallo (1988) explicam que o PB prefere estruturas com apenas um argumento à direita do verbo, do tipo XVY, e que VXS é sensível a peso. Deve-se esperar esta ordem com mais frequência quando o complemento do verbo se realiza com pronome clítico (com ênclise), como em (7), ou com um objeto nulo.

Vejamos, agora, o que dizem os resultados estatísticos considerando apenas esse tipo de inversão.

TABELA 6. Contextos de (X)VXS românica na escrita catarinense dos séculos XIX e XX em três tempos

Contextos de (X)VXS (inversão românica)	Tempo 1 (1800 a 1899)		Tempo 2 (1900 a 1949)		Tempo 3 (1950 a 1969)	
Com verbos (in)transitivos	12/19	63%	1/8	12%	SEM DADOS	
Com verbos copulativos	7/19	37%	7/8	88%	SEM DADOS	

Esses resultados confirmam a hipótese de monoargumentalidade de Kato e Tarallo. Notemos que, de todos os padrões de inversão de sujeito estudados, construções (X)VXS não-inacusativas, como ilustram os exemplos (7) e (8), configuram-se como um padrão não mais produtivo no final do século XX (tempo 3) nos dados analisados, nem mesmo com ênclise. Vale lembrar que, mesmo em construções de VS inacusativa, há

uma queda significativa de posposição em contextos VXS, com material interveniente entre o verbo e o sujeito, ao longo dos três tempos, de 92% para 64% e deste percentual para 48% (Cf. Tabela 4).

Consideramos, agora, os três tipos de inversão do sujeito ao longo dos três tempos analisados para efeitos de comparação.

TABELA 7. Padrões em VS na escrita catarinense ao longo de três tempos

<i>Contextos de VS</i>	<i>Tempo 1</i>		<i>Tempo 2</i>		<i>Tempo 3</i>	
	(1800 a 1899)		(1900 a 1949)		(1950 a 1969)	
<i>Contextos de VS inacusativa</i>	40/85	47%	22/42	53%	19/24	79%
<i>Contextos (X)VS (inversão germânica)</i>	26/85	30%	12/42	28%	5/24	21%
<i>Contextos de (X)VXS (inversão românica)</i>	19/85	23%	8/42	19%	0/24	0%

Das 85 construções VS no tempo 1, referentes ao século XIX, encontramos 47% de inversão inacusativa, 30% de (X)VS não-inacusativa e 23% de sujeito não contíguo ao verbo. Já no tempo 3, das 24 construções VS, a maioria se concentra em contextos de VS inacusativa (79%). Uma mudança se apresenta nos padrões de VS não-inacusativa. Há uma ligeira queda de (X)VS no padrão de inversão germânica, mantendo-se ainda esse tipo de inversão com verbos copulativos, como mostramos anteriormente. E não foi encontrada nenhuma sentença de inversão românica. A queda desse último padrão se assemelha aos resultados da Figura 7 de Kato *et al.* (2006, p. 432), sobre a curva decrescente de VOS ao longo dos séculos XVIII (13% e 7%), XIX (4% e 2%) e XX (2% e 1%).

Os resultados da Tabela 7 podem ser mais bem visualizados nos gráficos da Figura 1.

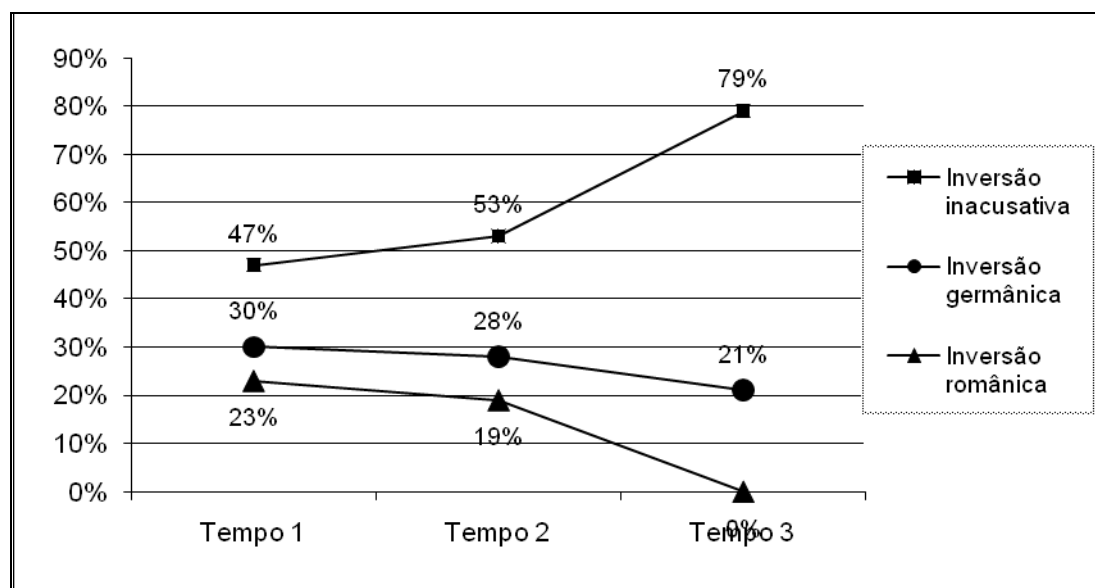


FIGURA 1. Resumo dos padrões de VS na escrita catarinense dos séculos XIX e XX em três tempos.

O que observamos, considerando-se as tabelas 1 e 2 e os gráficos da Figura 1, é uma mudança nos padrões de inversão germânica e românica que se tornaram residuais no século XX e, por espelhamento, um enrijecimento da ordem SV(O) atestada nos contextos (in)transitivos. Em contextos inacusativos, no entanto, os dados refletem um padrão de uso bastante regular de (X)VS, de modo que a proporção de VS nos textos do século XIX é ainda encontrada em textos de catarinenses nascidos no curso do século XX.

Considerando o fenômeno de mudança refletido nos textos no que se refere à fixação da ordem SV, mais especificamente relacionado à inversão germânica e à inversão românica (muito pouco recorrente no tempo 3), conforme resultados apresentados nos gráficos da Figura 1, apresentamos, na próxima seção, resultados de um estudo sobre a ordenação de clíticos em contextos XV. Defendemos que a perda das inversões germânica e românica e o padrão de ordenação de clíticos, com um aumento generalizado da próclise, atestados nos textos, estão encaixados no processo de mudança que está na origem do PB.

2.2 Ordenação de clíticos em contextos XV

Observemos no que segue a descrição e a análise de dados relacionados a orações finitas não-dependentes com verbo simples em contextos XV, sendo X um sujeito DP simples ou pronominal pessoal não-focalizado (SV), um advérbio não-modal (AdvV) ou um sintagma preposicional (PPV) em que a variação próclise (clV) / ênclise (Vcl) é atestada, como ilustram os exemplos de (9) a (16) no que segue. A amostra soma 482 dados, sendo 232 ocorrências com próclise e 250 ocorrências com ênclise. Tomamos como parâmetro para a análise as construções com próclise a fim de observar a evolução das taxas relacionadas às construções ScIV e Adv/PPclV⁶ nos textos.

- (9) Desculpe a indiscrição... O senhor ME diga uma cousa: Afinal de contas, que festança é essa a realizar-se hoje aqui e que está movimentando tudo, como si os patrões estivessem esperando a visita de qualquer monarca?! [*A filha do operário* (1942) de Ildefonso Juvenal (1884-1965)]
- (10) O senhor ama-ME também?... [*Dolores* (1889) de Horácio Nunes (1855- 1919)]
- (11) Oh! Pérfidos! Tudo compreendo agora! Eles SE amavam! Foi um ajuste entre ambos... Uma negra traição que me urdiram!... [*Quem desdenha quer comprar* (1868) de José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)]
- (12) Ela ama-ME ... ama-me! [*Raimundo* (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)]
- (13) Na noite do mesmo dia em que recolhi a triste engeitadinha e agasalhei-a em meu seio, tu, José, te apresentaste em minha casa e encarecidamente ME pediste agasalho, e depois te oferecestes a compartilhar de todos os meus trabalhos. [*A engeitada* (19??) de Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)]

⁶ As siglas fazem referências a orações finitas com sujeito pré-verbal e próclise – ScIV e com Advérbio não-modal ou com sintagma preposicional e próclise – Adv/PPclV.

- (14) Amanhã agarro-ME às saias da tia Úrsula pra ficar em terra enquanto o nosso capitão não dormir a bordo. [*Raimundo* (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)]
- (15) Estou sempre preparado! Na minha bagagem SE encontram os livros apropriados. O alcorão quando vou ao Islã; o Talmud, a Israel; o Missal, ao Vaticano; Shakespeare, à Inglaterra; um livro para cada ocasião. [*A morte de Damião* (1954) de Ody Fraga (1927-1987)]
- (16) Nas minhas finas areias deitam-SE sereias, cantando canções de amor. [*Ilha dos casos raros* (1928), de Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)]

As taxas de próclise, por contexto, estão apresentadas na Tabela 8, a seguir.

TABELA 8. Próclise em contextos XV na escrita catarinense dos séculos XIX e XX (M. A. MARTINS, 2009)

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>SV</i>		<i>AdvV</i>		<i>PPV</i>		<i>TOTAL</i>	
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	21/91	23%	5/19	26%	0/6	0%	26/116	22%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	7/27	26%	5/9	56%	1/5	20%	13/41	32%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	6/15	40%	2/3	67%	1/2	50%	9/20	45%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	3/7	43%	1/4	25%	0/3	0%	4/14	29%
Horácio Nunes (1855-1919)	15/56	27%	3/14	21%	1/14	7%	19/84	23%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	8/15	53%	2/5	40%	0/4	0%	10/24	42%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	32/49	65%	2/3	67%	3/5	60%	37/57	65%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	3/7	43%	0/1	0%	0/1	0%	3/9	33%
Ody Fraga (1927-1987)	4/4	100%	SEM DADOS		1/1	100%	5/5	100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	5/5	100%	1/1	100%	1/2	50%	7/8	88%
Ademir Rosa (1950-1997)	23/23	100%	7/8	88%	7/8	88%	37/39	95%
Antônio Cunha (1961-)	27/27	100%	1/1	100%	1/2	50%	29/30	97%
Sulanger Bavaresco (1969-)	28/28	100%	5/5	100%	0/2	0%	33/35	94%
TOTAL	182/354	51%	34/73	47%	16/55	29%	232/482	48%

Uma observação rápida nos números apresentados na Tabela 8 mostra que, nos textos de autores nascidos no século XX, há uma diferença entre a proporção de clV em orações com sujeitos e em orações com demais constituintes em posição pré-verbal. É importante considerar, todavia, que as orações com sujeitos pré-verbais pronominais pessoais apresentam um padrão “diferenciado” na sintaxe de ordenação de clíticos, nos textos analisados, assim como na história do português (cf. M. A. MARTINS, 2009). As taxas de *Sc/V* em orações com sujeitos DPs simples e com sujeitos pronominais pessoais estão listadas, separadamente, na Tabela 9, no que segue.

TABELA 9. Próclise em contextos SV na escrita catarinense dos séculos XIX e XX (M. A. MARTINS, 2009)

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>Sujeito Pronominal</i>		<i>Sujeito DP</i>		<i>TOTAL</i>	
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	16/26	62%	5/65	8%	21/91	23%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	7/13	54%	0/14	0%	7/27	26%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	5/6	83%	1/9	11%	6/15	40%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	3/4	75%	0/3	0%	3/7	43%
Horácio Nunes (1855- 1919)	10/18	56%	5/38	13%	15/56	27%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	3/3	100%	5/12	42%	8/15	53%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	20/20	100%	12/29	41%	32/49	65%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	2/2	100%	1/5	20%	3/7	43%
Ody Fraga (1927-1987)	1/1	100%	3/3	100%	4/4	100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	3/3	100%	2/2	100%	5/5	100%
Ademir Rosa (1950-1997)	18/18	100%	5/5	100%	23/23	100%
Antônio Cunha (1961-)	15/15	100%	12/12	100%	27/27	100%
Sulanger Bavaresco (1969-)	22/22	100%	6/6	100%	28/28	100%
TOTAL	125/151	83%	57/203	28%	182/354	51%

Os resultados ficam ainda mais interessantes. Observemos que há nos textos de catarinenses nascidos no século XIX uma clara diferença nas taxas de cIV em orações com sujeitos DP simples e em orações com sujeitos pronominais pessoais: há baixas taxas de cIV em contextos DPV e elevadas taxas em orações com sujeitos pronominais pessoais. Uma questão interessante que se abre é: retiradas as próclises com sujeitos pronominais pessoais da amostra, as próclises encontradas nos textos do século XIX em contextos DPV são instanciadas por que gramática do português? Como já mostrado em estudos sobre a sintaxe dos clíticos em português (PAGOTTO, 1992; A. M. MARTINS, 1994; GALVES; BRITO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; CARNEIRO 2005), a próclise em contextos SV é o padrão tanto na gramática do PB quanto na gramática do Português Clássico (PC).

Tem-se defendido em muitos trabalhos que a gramática do PC não impõe restrições à natureza do constituinte que pode ocupar a posição pré-verbal. Em PC, a posição pré-verbal estaria disponível para constituintes de VP em geral (GALVES, 2004; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005). No PB, como muitos estudos também têm mostrado (PONTES, 1987; NEGRÃO, 1999; GALVES, 2001), a posição pré-verbal é uma posição preferencial para sujeitos argumentais, ou, quando não, para constituintes que possam assimilar os traços gramaticais de sujeitos.

Pois bem, em termos empíricos, interessante será comparar as taxas de próclises em contextos DPV (*DPcIV*) àquelas atestadas nos demais contextos de variação Adv/PPV. A Tabela 10, a seguir, sistematiza o total de ocorrências de próclise nesses contextos.

TABELA 10. Próclise em contextos Adv/PPV na escrita catarinense dos séculos XIX e XX (M. A.MARTINS, 2009)

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>AdvV</i>		<i>PPV</i>		<i>TOTAL</i>	
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	5/19	26%	0/6	0%	5/25	20%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	5/9	56%	1/5	20%	6/14	43%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	2/3	67%	1/2	50%	3/5	60%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	1/4	25%	0/3	0%	1/7	14%
Horácio Nunes (1855- 1919)	3/14	21%	1/14	7%	4/28	14%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	2/5	40%	0/4	0%	2/9	22%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	2/3	67%	3/5	60%	5/8	62%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	0/1	0%	0/1	0%	0/2	0%
Ody Fraga (1927-1987)	SEM DADOS		1/1	100%	1/1	100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	1/1	100%	1/2	50%	2/3	67%
Ademir Rosa (1950-1997)	7/8	88%	7/8	88%	14/16	87%
Antônio Cunha (1961-)	1/1	100%	1/2	50%	2/3	67%
Sulanger Bavaresco (1969-)	5/5	100%	0/2	0%	5/7	71%
TOTAL	34/73	47%	16/55	29%	50/128	39%

Antes de mais, notemos que: se por um lado, a próclise em orações com sujeitos DPs simples (e pronominais pessoais) é a única opção atestada em textos de autores nascidos no século XX, conforme resultados apresentados na Tabela 9; por outro lado, há ainda variação ênclise/próclise em orações com advérbios não-modais e sintagmas posicionais nos textos desses autores, conforme resultados da Tabela 10.

Com fins de comparação, observemos, sistematizadas em três tempos na Tabela 11, as taxas referentes à proporção de DPclV e de Adv/PPclV nos textos. Como já referido, os autores nascidos entre 1800 e 1899 estão reunidos no tempo 1; entre 1900 e 1949 no tempo 2; e entre 1950 e 1969 no tempo 3.

TABELA 11. Próclise em contextos XV na escrita catarinense dos séculos XIX e XX em três tempos

<i>Próclise em contextos XV</i>	<i>Tempo 1</i> (1829-1898)		<i>Tempo 2</i> (1927-1939)		<i>Tempo 3</i> (1950-1969)	
DPclV	29/175	16,5%	5/5	100%	23/23	100%
Adv/PPclV	26/98	26,5%	3/4	75%	21/26	80%

Os percentuais apresentados na Tabela 11 podem ser mais bem visualizados nos gráficos da Figura 2.

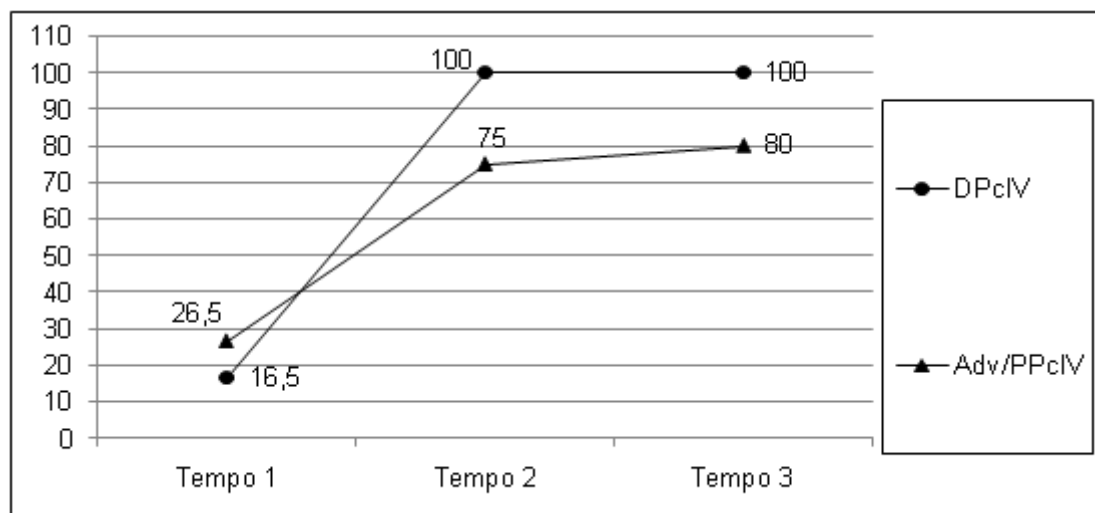


FIGURA 2. Resumo da próclise em contextos XV na escrita catarinense dos séculos XIX e XX em três tempos

Os gráficos na Figura 2 apresentam claramente dois quadros interessantes: de um lado, reunidos no tempo 1, em textos escritos por catarinenses representantes do século XIX a proporção de cIV em contextos XV é baixa em ambos os contextos – 26,5% para Adv/PPV e 16,5 para DPV. De outro lado, em todos os textos escritos por catarinenses nascidos no curso do século XX, reunidos nos tempos 2 e 3, a próclise em contextos DPV é o único padrão encontrado, mas não o é em orações com advérbios não-modais e sintagmas preposicionais, ou em contextos Adv/PPV.

Em termos empíricos, esses resultados sugerem que as próclises, encontradas nos textos dos três primeiros catarinenses representativos do século XIX parecem estar associadas a uma gramática em que a posição pré-verbal esteja disponível para constituintes de VP em geral e não especificamente para sujeitos oracionais. Consideremos que, nesses textos, a construção Adv/PPcIV é mais recorrente que a construção DPcIV (26,5% e 16,5%, respectivamente).

Os resultados parecem mostrar, ainda, que, no que se refere à ordenação de clíticos em orações finitas não-dependentes, a implementação da gramática do PB está associada também à evolução da próclise num contexto bastante específico, qual seja S(DP)cIV. Os resultados sistematizados nas tabelas 8 e 9 anteriormente registradas mostram claramente que o padrão S(DP)cIV instanciado pela gramática do PB não parece estar presente, ainda, nos textos escritos por catarinenses nascidos, sobretudo, na primeira metade do século XIX. Observemos que, nos textos desses autores, nem o contexto DPV nem o contexto Adv/PPV parecem ser mais favorecedores de próclise.

Se considerarmos que, nos textos de catarinenses nascidos no curso do século XX, a próclise é o único padrão atestado no contexto DPV e que, diferentemente, há variação ênclise/próclise em contextos Adv/PPV, os resultados apresentados parecem evidenciar que a escrita catarinense do século XIX reflete, ainda, propriedades de um sistema conservador. Reforça essa tese o fato de as taxas encontradas de DPcIV serem superiores, já nos textos do início do século XIX, às taxas de próclises a V1 e de próclises ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas encontradas em M. A. Martins (2009).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que, no percurso de uma mudança, as formas antigas não desaparecem imediatamente de uma língua, mas são substituídas pelas formas novas gradualmente. Os resultados estatísticos sobre os padrões de VS já apontam para diferenças bem acentuadas no que se refere ao percurso de mudança da ordem do sujeito (de ordem do sujeito variável – SVO/VSO/VOS – em direção à ordem SVO enrijecida), pelo menos para estágios diferentes de implementação da mudança na variedade pesquisada. Os resultados relacionados à ordenação de clíticos confirmam a mudança em relação à ordenação dos constituintes oracionais refletida nos textos catarinenses: de um sistema em que a ordem (X)VS não apresenta muitas restrições para um sistema em que essa inversão se dá apenas em contextos bastante específicos, quais sejam construções inacusativas.

Na medida em que são identificados os condicionadores que agem sobre a mudança linguística, é possível adiantar uma explicação sobre a forma como a mudança vai se expandindo nos contextos estruturais. Nas peças de teatro do português de SC, os resultados mostram que a restrição à ordem VS(O) primeiramente atingiu contextos em que o sujeito está adjungido ao sintagma verbal, como em VXS – a chamada inversão românica; depois atingiu os contextos (in)transitivos com o sujeito seguindo imediatamente o verbo (#VS e XVS); em seguida, os contextos com verbos copulativos, mas ainda resiste em contextos com verbos inacusativos.

Os resultados, portanto, atestam que o português de SC do final do século XX perdeu a inversão românica, está perdendo a inversão germânica, mas ainda apresenta um uso bastante regular da inversão inacusativa. Além disso, dentro desse último padrão, podemos constatar que contextos preferencialmente com verbo em segunda posição (XVS), quando o sujeito está contíguo ao verbo, parecem mais resistentes à mudança, confirmando o padrão sintático-fonológico hipotetizado por Kato e Tarallo (1988). Os resultados evidenciam que o PB está perdendo construções que apresentam dois argumentos à direita do verbo (VSX ou VXS), preferindo estruturas com apenas um argumento manifesto em posição pós-verbal, a saber XVY. Y pode estar representado por um objeto, um adjunto ou por um sujeito quando a construção for inacusativa.

O enrijecimento da ordem SV(O), em oposição à ordem (X)VS(O), na gramática do PB, é evidenciado na análise do encaixamento da próclise em contextos XV nos textos. Os resultados sistematizados nos gráficos da Figura 2 sugerem que o aumento da próclise nos textos no curso dos séculos está relacionado a uma construção específica, qual seja, *S(DP)cIV*. Por outros termos, o aumento da próclise em contextos SV, quando comparado ao aumento da próclise em contextos XV (PP/AdvV), evidencia que em textos de autores nascidos no curso do século XX o padrão de ordenação refletido é aquele de um sistema SV(X).

Apesar de nos dar fortes indícios de mudança, o período correspondente aos séculos XIX e XX é bastante reduzido para se falar em mudança sintática via competição de gramáticas, nos termos da hipótese da taxa constante proposta por Anthony Kroch (1989). Entretanto, com relação às diferenças entre os padrões de inversão, os resultados já atestam que, no início do século XIX, havia disponíveis três padrões de inversão do sujeito no português, mas no final do século XX apenas um padrão é ainda produtivo –

a inversão inacusativa. Vale ressaltar que outras mudanças sintáticas também já foram atestadas no período analisado, relacionadas ao preenchimento do sujeito (Cf. DUARTE, 1995; KATO *et al.*, 2006), à expansão do objeto nulo (Cf. CYRINO, 1997; KATO *et al.*, 2006) e à ordenação de clíticos (PAGOTTO, 1992; A. M. MARTINS, 1994; GALVES; BRITO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; CARNEIRO 2005; M. A. MARTINS, 2009), que parecem estar apontando para o advento da gramática do PB, um português diferente daquele encontrado nos séculos XVIII e XIX, como sugere, também, a análise da escrita catarinense.

REFERÊNCIAS

BERLINCK, R. de A. A construção V SN no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: Tarallo, F. (Org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, Pontes, 1989.

_____. *La position du sujet en portugais: etude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Tese de doutorado. Leuven, Bélgica: Katholieke Universiteit Leuven, 1995.

CARNEIRO, Z. de O. N. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de Doutorado: UNICAMP, 2005.

COELHO, I. L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2000.

_____. Variação e mudança na sintaxe do PB de Santa Catarina: a inversão sujeito-verbo. In: MATZENAUER, Carmen Lúcia *et all.* (Org.). *Estudos da Linguagem: VII* Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul. v. 1, Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 369-392.

CYRINO, S. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

DUARTE, M. E. *A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP, 1995.

GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística – Fase II*. Campinas: UNICAMP, 2004. (Projeto de pesquisa FAPESP).

GALVES, C.; TORRES MORAIS, M. A.; RIBEIRO, I. Syntax and Morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Jornal of Portuguese Linguistics*, vol. 4, nº2, Studies in the comparative syntax of European and Brazilian Portuguese, 2005. p. 143-177.

GALVES, C.; H. BRITTO; M. C. PAIXÃO DE SOUSA. The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n.1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, 2005. p. 39-67.

KATO, M. A.; TARALLO, F. *Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects*. UNICAMP, 1988 (mimeo).

KATO, M.; DUARTE, M. E.; CYRINO, S.; BERLINCK, R. de A. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO *et al.* (Orgs.) *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 413-438.

KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, 1, 1989. p. 199-244.

_____. Syntactic Change. In: BALTIM; COLLINS (Eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: BlackWell, 2001. p. 699-729.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Building on empirical foundations. In W.P. LEHMANN; Y. MALKIEL (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1982.

LIRA, S. de. Subject postposition in Portuguese. *D.E.L.T.A.*, v. 2 (1), 1986.

_____. *The subject in Brazilian Portuguese*. Nova York, Peter Lang, 1996.

MARTINS, A. M. *Clíticos na história do português*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1994.

MARTINS, M. A. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2009.

NASCIMENTO, M. do. *Sur la Postposition du sujet dans le portugais du Brésil*. Tese de doutorado. Paris, 1984.

NEGRÃO, E. *O Português Brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de livre docência. São Paulo: USP, 1999.

PAGOTTO, E. G. *A posição dos clíticos em português*. Um estudo diacrônico. Dissertação de mestrado, Campinas: UNICAMP, 1992.

PONTES, E. *O tópico no Português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. (2001). *GoldVarb*: a multivariate analysis application for Windows. Department of Language and Linguistic Science, University of York. <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/golvarb/>.

VOTRE, S. J. ; NARO, A. Inversão do sujeito na fala carioca. *Boletim da ABRALIN*. n. 06, p. 189-196, 1984.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN; MALKIEL (Ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.